

Falha na entrega 426.
Por Juliana Fernandes Gontijo.

Ana Luiza aguardava, há algum tempo, uma encomenda de um laboratório de próteses dentárias. Registrou algumas reclamações na empresa, porém, sem sucesso.

A dentista não conseguia entender tamanha desorganização na entrega, uma vez que nunca havia tido problemas de logística com tal fornecedor. A resposta era sempre a mesma:

— Consta em nosso sistema, doutora Ana Luiza, que a encomenda do cliente 426 foi entregue para a senhora Regiane em setembro.

— E já estamos em dezembro, quase fechando o ano e...

— Sim, doutora.

— Essa funcionária não pertence mais ao quadro da minha clínica. Ela nunca me confirmou ter recebido o material, porém é uma pessoa honesta, isso não posso negar.

— Lamento, doutora. Não poderemos arcar com os custos da prótese, porque a mercadoria foi entregue. Consta em nosso sistema!

— Que baita prejuízo e é impossível repassar à minha cliente.

— Como já disse, lamentamos o ocorrido. Algo mais em que podemos ajudar?

— Não. Obrigada.

“No próximo ano, vou procurar outro laboratório. Esse já não dá mais.” Pensou Ana Luiza.

Antes de entrar em recesso de fim de ano, ela pediu à nova secretária, Júlia, que separasse todos os presentes da viagem aos EUA. Eram lembranças para os filhos, seus pais, irmãos e primos que estavam no almoxarifado. Assim a moça fez, separou tudo e mandou entregar na casa da patroa.

— Procurei novamente pela encomenda do 426, mas não encontrei, doutora. Imaginei que estivesse no almoxarifado.

— Caso encerrado, Júlia. Pra mim, chega!

A clínica entrou em recesso.

Na véspera de Natal, Ana Luiza pediu à babá dos filhos, Martha, que colocasse todos os presentes com os devidos nomes no pé da árvore. A casa já estava toda enfeitada; o lombo assava no forno; os convidados prestes a tocarem a campainha. Os filhos, Thiago e Breno passaram o dia na casa dos avós, Antenor e Bernadete, pais da dentista.

O combinado era que, quando as crianças chegassem, o Papai Noel já teria pulado a janela, deixado os presentes e continuava a sua viagem ao redor do mundo sentado no trenó. Da cobertura do apartamento, a mãe mostraria que a estrela mais brilhante do céu eram as renas e o bom velhinho.

Ana Luiza queria um tempo com os irmãos e primos, fazer o amigo secreto entre eles e tomar aquele vinho tinto sem a presença dos filhos.

Por volta das 21 horas, Thiago e Breno chegaram loucos para verem os presentes na árvore de Natal. Os avós já estavam até cansados de tanto correrem atrás dos meninos

cheios de energia. Eram as únicas crianças da família. Eles abraçaram os filhos e os outros parentes e se esparramaram no sofá.

Breno tinha apenas 3 anos e sentou ao lado da árvore, pois não via a hora de abrir os presentes. Tiago também estava ansioso, mas como já era um pouco mais velho, com 5 anos, sabia esperar.

O pequeno, já conhecia várias letras iniciais dos nomes da família, ele pediu para entregar os presentes de todos os parentes.

— Mamãe, sonhei com o Papai Noel hoje!

— Verdade, filho? Que legal!

— Ele falou que eu tinha que ajudá a entregá os pesentes pá todo mundo. Falô que sô inteligente!

— Você é sim, filho! Mamãe te ama, viu?

Todos esperaram com paciência Breno entregar as lembranças.

Ele acertou o nome de cada um. Quando chegou em Bernadete, a avó abraçou o neto e comentou:

— Esse menino é o meu preferido.

Thiago não gostou do que ouviu:

— E eu, vó? Não gosta de mim mais, não?

— Ah, Titi! Vocês dois são meus preferidos!

— Você tinha falado que era o Breno, vó, eu ouvi. Não foi mãe?

Bernadete e Ana Luiza ficaram em uma tremenda saia justa. Os tios e primos mais velhos riam dos meninos. Um ataque de ciúmes em plena noite de Natal.

Em poucos minutos, eles se esqueceram do ocorrido e foram brincar com os presentes que ganharam do Papai Noel. Ficaram entretidos em um canto da sala por longos minutos até que iniciaram uma discussão por uma pequena caixa marrom que encontraram atrás da árvore:

— É meu, eu vi pimeio! — Disse Breno.

— Mas quem pôs as mãos nele primeiro fui eu!

— Mas eu vi pimeio! — Gritou Breno.

A mãe percebeu que os meninos não iriam parar a “briga” e chegou perto para ver o que estava ocorrendo.

Os dois gritaram juntos:

— É meu, mãe! Essa caxa é minha!

— Parem, vocês dois!

Um apontou o outro dizendo ao mesmo tempo:

— Foi ele que começô!

Ela percebeu algo estranho no embrulho e tentou tomar dos filhos. No entanto, a caixa caiu em cima do tapete felpudo, soltando o pequeno adesivo do lacre. Dentro, tinha um

embrulho com papel de seda. Breno foi mais esperto e rapidamente o abriu para a surpresa de Ana Luiza:

— Eu não acredito. — Gritou ela.

— Mamãe, você já tem dente e agoia ganhô uma pusseia com dente?! Deixa eu colocá no baço? — Perguntou, com um largo sorriso, o filho mais novo.

— Desde setembro, eu procuro a caixa do cliente 426. Meu Deus! Como isso veio parar aqui? Martha! — Gritou a dentista para a cozinha.

— O que foi Ana Luiza? O lombo vai queimar.

— Eu procuro esta encomenda desde setembro, já xinguei várias vezes o laboratório pelo extravio.

— Ela estava no meio dos presentes que chegaram.

— Como Júlia não viu isso na clínica?

Breno tomou a prótese nas mãos, colocou no braço feito uma pulseira e disse:

— Paiece os dente que a vovó guada na caixa da cama.

Todos na sala prendiam para não rir, mas era impossível.

— Vocês não vão acreditar a raiva que eu já passei com essa prótese. E como o laboratório me arruma uma bela caixa de presente para entregar uma dentadura? Sinceramente! O preço do produto no ano que deverá ser bem salgado para pagar esse embrulho! Achei que era algum presente de cliente para mim! Quanta decepção! Eu não iria adivinhar nunca que era a prótese do 426!

— Mamãe! Você já tem um tanto de dente na boca! Eu não tenho não! Com isso tudo aí, agoia eu vou ficá mais bunito que já sou! Num vô? — E correu para o espelho no fundo da sala para tentar colocar a dentadura na boca.

— Dá isso aqui, Breno! É do trabalho da mamãe! — Ela tomou a prótese das mãos do menino.

A família caiu na gargalhada.

E por muitos anos foi assim: em todo Natal, alguém na família da dentista tinha que se lembrar da caixa do cliente 426. Se ninguém tocasse no assunto não seria a Festa de Natal na casa de Ana Luiza.
